

SOCIOLOGIA DO FUTURO

Octavio Ianni

Deptº de Sociologia do IFCH/UNICAMP



SUMÁRIO

1. Prólogo	5
2. Globalização, Guerra e Revolução	6
3. O Novo Ciclo da Revolução Burguesa	11
4. Perspectivas da Revolução Socialista	19
5. História e Epistemologia.....	25
6. Metateorias.....	30
7. Metateoria e Visão do Mundo.....	42



PRÓLOGO

A sociologia está empenhada em refletir sobre o futuro. É óbvio que o futuro é invisível, pode apenas ser imaginado. Mas talvez seja possível sonhar que ele está próximo. Há momentos em que a “máquina do mundo” pode acelerar-se, criar outros e novos dilemas e perspectivas. Ocorre que o futuro, da mesma forma que o presente e inclusive o passado, podem ser vistos como configurações e movimentos da História, de tal modo que um e outros se constituem, imbricados.

Este é um desafio permanente para a sociologia e todas as ciências sociais: o seu objeto está sempre em movimento e transformação; torna-se mais complexo ou mesmo se clarifica; adquire uma configuração compreensível, ou explicável, mas também se altera, adquirindo outras conotações, além dos significados conhecidos; estende-se pela geografia e a história, revelando desenvolvimentos desiguais, contritórios, simultaneamente articulados e desencontrados; combina diferentes durações, temporalidades e ritmos, produzindo não-contemporaneidades; mescla indivíduos e coletividades, classes, castas e estamentos, nações e nacionalidades, etnias, gêneros, formas diversas de organização técnica e social do trabalho e da produção; determina e confunde o público e o privado, a tirania e a democracia; realça o progresso e a decadência, a reforma e a revolução, as guerras de nações, as guerras de classes, as guerras étnicas e as guerras religiosas; multiplica as conquistas da ciência, arte e filosofia, assim como da técnica, ideologia e utopia; promove a criação e a destruição, a riqueza e a pobreza, a alegria e a tristeza.

Diante de uma realidade simultaneamente complexa e movimentada, opaca e infinita, desconhecida e inquietante, viva e fasci-

nante, a sociologia e todas as ciências sociais multiplicam as suas linguagens, os seus “conceitos” e “categorias”, as descrições e explicações, as suas metodologias e teorias. A sociologia e todas as ciências sociais estão continuamente e periodicamente desafiadas a criar, recriar meios e modos de interpretar as situações e os acontecimentos, as continuidades e descontinuidades, os processos e as estruturas, as hegemonias e as soberanias. Esse é o clima em que florescem as metodologias e teorias, sempre em busca da “compreensão” ou da “explicação”, de modo a aprimorar o esclarecimento e soltar a imaginação.

É claro que o futuro pode estar lá longe. Mas também pode-se percebê-lo mais próximo. Há ocasiões em que a “máquina do mundo” parece acelerar-se, criando outros e novos dilemas e horizontes. O futuro, assim como o presente e também o passado, são momentos e configurações dos movimentos da História, de tal modo que uns e outros se constituem, conformam, desencontram e transformam.

Vale a pena refletir sobre a História, no contraponto futuro, presente e passado, em suas múltiplas combinações. Essa é a ocasião em que a compreensão e a explicação das realidades e novidades propiciam o conhecimento, principalmente quando se solta a fabulação.

2. GLOBALIZAÇÃO, GUERRA E REVOLUÇÃO

Vistos em perspectiva histórica ampla, o século XX e o século XXI, que se inicia, revelam-se uma vasta cartografia de guerras de todos os tipos, localizadas e intermitentes, encadeadas e surpreendentes. Apesar de parecerem locais, nacionais ou regionais, em geral são também mundiais, pelas suas implicações políticas, sociais, econômicas e culturais. Sim, toda guerra envolve povos e nações, impérios e colônias, classes e grupos sociais, indivíduos e coletividades, re-

limes políticos e governos, etnias e religiões. De par-em-par com a guerra desenvolvem-se contradições diversas e fundamentais; contradições sociais sempre presentes no tecido das sociedades, sempre ativas na fábrica da sociedade local, nacional, regional e mundial; sempre decisivas nos movimentos e nas configurações da máquina do mundo.

Esta é uma época de guerras de diferentes envergaduras. Estas são as principais: Primeira Grande Guerra Mundial (1914-18), Segunda Grande Guerra Mundial (1939-45) e Guerra Fria (1946-89), esta também uma grande guerra mundial. De fato podem ser vistas em suas singularidades, circunscritas, delimitadas pela cronologia. A rigor, no entanto, são irrupções violentas, brutais e catastróficas, envolvendo tensões e conflitos não só militares, mas principalmente geoeconômicos e geopolíticos, compreendendo impérios e nações, metrópoles e colônias, disputas por fontes de matérias primas e por mercados, afirmação de hegemonias ou lutas para compor ou recompor hegemonias. Essa é uma história na qual estão tanto nações européias dominantes como o Japão e os Estados Unidos da América do Norte, sempre envolvendo muitos ou todos os outros povos e nações de Ásia e Oceania, da África, de América Latina e Caribe, da América do Norte e Europas; sim Europas: Ocidental, Central e Oriental, que se distinguem entre si, por suas relações, acomodações e tensões, bem como por suas histórias e tradições, realidades e ilusões.

Pois bem, toda essa história de guerras no curso do século XX, entrando pelo século XXI, é também uma história de *revoluções*. São revoluções e contra-revoluções, golpes de Estado e quarteladas, envolvendo arranjos e rearranjos de sistemas imperialistas, bem como lutas pela descolonização, revoluções nacionais e revoluções sociais. São manifestações de lutas sociais que se distribuem por um leque amplo de formas e soluções políticas: liberalismo, fascismo, nazismo, corporativismo, social-democracia, socialismo e comunismo, compre-

endendo a democracia e a tirania, bem como de diversas modulações da cidadania; e compreendendo também gêneros e etnias, religiões, línguas, distintas modalidades de organização social e técnica do trabalho e da produção, compreendendo também distintas modalidades de distribuição, troca e consumo.

Esses são tempos de lutas de classes, em escala nacional e mundial. São tempos de uma *guerra civil mundial permanente*, endêmica e aberta, moderada e violenta, por dentro e por fora das guerras localizadas e mundiais. Sim, em todo o século XX, e entrando pelo século XXI, o que se verifica é uma *revolução social permanente*, subjacente às mais diversas formas de integração e fragmentação, acomodação e contradição, sempre envolvendo classes e facções de classes, grupos étnicos, de gênero, religiosos e outros, na maioria dos casos transbordando das fronteiras nacionais, avançando além de fronteiras continentais.

Esse é o mundo com o qual se forma o novo ciclo de expansão do capitalismo, constituindo o globalismo, o novo palco da história, no qual se confrontam o neoliberalismo, o nazifascismo e o neosocialismo. A mesma fábrica global, ou máquina do mundo, com a qual se forma a sociedade civil mundial, compreendendo estruturas mundiais de poder e configurando a globalização pelo alto, essa mesma fábrica global conforma-se como o novo palco da história, palco de outras e novas guerras e revoluções. Aí se fermenta um *novo ciclo da revolução burguesa*, com o qual se fermenta, simultaneamente, um *novo ciclo da revolução socialista*, vistas como *revoluções mundiais*. Aos poucos, ou de repente, uns e outros são desafiados a reconhecer que participam da mesma fábrica, ou máquina. Indivíduos e coletividades, classe e grupos sociais, povos e nações, culturas e civilizações, em diversos arranjos, mesclam-se, integram-se, tensionam-se e batalham, conferindo realidade à história universal; e anunciando a humanidade.

“A história universal não existiu sempre. A história, como história universal, é um resultado”¹.

Esse o contexto histórico-social em que se fermentam as mudanças sociais, moderadas ou drásticas, integrativas ou transformadoras, conservadoras ou revolucionárias. Este é o problema: os mesmos fatores constitutivos das relações, processos e estruturas sociais que se desenvolvem com a globalização, tanto alimentam a integração como a revolução. Mais do que isso, a despeito das forças que convergem no sentido da integração, são poderosas as forças que fermentam a transformação. E a transformação pode expressar tanto um novo desenvolvimento da revolução burguesa como algum novo desenvolvimento da revolução socialista. Dada a transnacionalização intensiva e extensiva das forças produtivas e das simultâneas tensões que se desenvolvem com as contradições dessas forças com as relações de produção, o que movimentam classes e grupos sociais, fermentam-se tensões e antagonismos que tanto são mobilizados em termos de integração como em termos de revolução. E a revolução pode ser principalmente um novo ciclo de revolução burguesa, em âmbito mundial, com o qual se produz também um novo ciclo da revolução socialista, em âmbito mundial.

Note-se, no entanto, que a *revolução* pode ser compreendida principalmente como um processo histórico-social, desenvolvendo-se em moldes radicais, abruptos e violentos ou parciais, lentos e pacíficos, entre outras modalidades, devidas aos jogos das forças sociais. Dependendo das forças sociais presentes e das condições históricas em que ocorre, a revolução pode ser mais ou menos ampla, acentuar-se ou recuar, realizar-se parcialmente ou mesmo frustrar-se. Em todos

Karl Marx, *Elementos fundamentales para la critica de la economia politica* (Corrador) 1857-1858, 3 vols., trad. de José Aricó, Miguel Murmis e Pedro Sca-rón, Siglo Veintiuno Editores, México, 1971-1976; citação do vol, 1, p. 31.

os casos, trata-se de um processo histórico-social; com o qual se dá a formação de outro e novo bloco de poder, podendo ser outro regime político, outra forma de governo, em substituição ao anterior; reconhecendo-se que às vezes ocorrem acomodações entre as forças anteriores e as novas, enquanto que em outras vezes pode ocorrer uma total superação de todas as forças sociais anteriores. Em todos os casos: a despeito da sua envergadura, a revolução pode envolver os mais diversos círculos da vida social, desde o local ao mundial. Pode envolver todas as atividades sociais, em sentido lato, compreendendo a economia, a política e a cultura, as realidades e os imaginários, a história e as tradições, as formas de sociabilidade e os jogos das forças sociais, as ideologias e as utopias.

Esta é a idéia: a revolução pode ser vista como um processo inerente à constituição e dinâmica da sociedade burguesa, de mercado capitalista, vista em âmbito nacional e em âmbito mundial. A mesma fábrica da sociedade com a qual se engendram as práticas e as idéias de “ordem e progresso”, “evolução e modernização”, “desenvolvimento e transformação”, “modernidade e pós-modernidade” ou “modernidade-nação” e “modernidade-mundo”; assim como as práticas e idéias de “mercado e planejamento”, “dinheiro e capital” “lucro e mais-valia”, “liberdade e igualdade”, “propriedade e contrato”; assim como classes sociais e grupos sociais, partidos políticos e sindicatos, movimentos sociais e correntes de opinião pública, informação e entretenimento; essa mesma fábrica fermenta o progresso e a decadência, a transformação e o retrocesso, a reforma e a revolução, a revolução e a contra-revolução.

São muitas as revoluções que povoam a história do mundo moderno, tanto em âmbito nacional como em âmbito mundial. Desde as revoluções burguesas ocorridas na Holanda, Inglaterra e França, o Brasil, Alemanha, Itália, Japão e Estados Unidos, são muitas as revoluções não só burguesas como nacionais, descolonizadoras e sociais que

Ocorrem na Europa, Ásia, África e Américas. Aliás, cabe sempre reconhecer que na maioria dos casos, essas revoluções em geral transcendem as fronteiras dos respectivos países, transformando-se em revoluções regionais ou mesmo mundiais; não só por suas repercussões ideológicas ou utópicas mas também pelo seus desdobramentos sociais, econômicos, políticos e culturais. Nesse sentido é que a era do globalismo pode estar inaugurando um novo ciclo de revoluções, em escala propriamente mundial. Daí a validade da hipótese de que a globalização já pode ser vista como um novo ciclo da revolução burguesa, com a qual se fermenta também um novo ciclo da revolução socialista, como revolução socialista mundial².

2. O NOVO CICLO DA REVOLUÇÃO BURGUESA

No século XXI, muitos estão empenhados em compreender e explicar as situações, os acontecimentos e as rupturas, assim como as relações, os processos e as estruturas, que se formam e transformam com a *sociedade global*; uma sociedade na qual se subsumem as sociedades nacionais, em seus segmentos locais e em seus arranjos regionais. Ocorre que a sociedade global, vista em suas implicações simultaneamente econômicas, políticas e culturais, demográficas, religiosas

² Eric Hobsbawm, *Era dos Extremos*, trad. de Marcos Santarrita, Companhia das Letras, São Paulo, 1995; Geoffrey Barraclough, *Introdução à História Contemporânea*; trad. de Álvaro Cabral, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1976; Hannah Arendt, *Sobre a Revolução*, trad. de I. Moraes, Morass Editores, Lisboa, 1971; Theda Skocpol, *Social Revolutions in the Modern World*, Cambridge University Press, Cambridge, 1996; Fred Halliday, *Revolución and World Politics (The Rise and Fall of the sixth Great Power)*, Duke University Press, Durham, 1999; Perry Boswell (Editor), *Revolution in the World-Sistem*, Greenwood Press, New York, 1989.

e lingüísticas, constitui-se como uma nova, abrangente e contraditória totalidade, uma formação geohistórica na qual ao inserem os territórios e as fronteiras, as ecologias e as biodiversidades, os povos e as nações, os indivíduos e as coletividades, os gêneros e as etnias, as classes sociais e os grupos sociais, as culturas e as civilizações. Uma “totalidade” simultaneamente histórica e teórica, ou seja, uma formação social e uma categoria que adquirem predominância crescente sobre umas e outras formações sociais: locais, nacionais e regionais.

Está em curso o desenvolvimento de um novo ciclo de profundas transformações sociais, compreendendo as “forças produtivas”, isto é, o capital, a tecnologia, a força de trabalho, a divisão do trabalho social, o mercado, o planejamento e o monopólio da violência; e as “relações de produção”, isto é, as instituições jurídico-políticas e econômico-financeiras, os poderes do Estado e das organizações multilaterais, o direito internacional, as instituições relativas à integração regional, a mídia também nacional e transnacional, as redes, teias e sistemas articulando indivíduos, coletividades, povos, nações, corporações e organizações. Tudo isso envolvendo classes sociais e grupos sociais, gêneros e etnias, línguas e religiões. Está em curso, portanto, um novo ciclo de desenvolvimento da *revolução burguesa em escala mundial*.

É claro que as revoluções burguesas sempre transbordaram das fronteiras nacionais. As revoluções ocorridas na Holanda, Inglaterra e França ultrapassaram as fronteiras das metrópoles, alcançando as respectivas colônias, bem como outros povos e nações, em outros continentes. Houve inclusive influências recíprocas entre as diversas revoluções. É evidente que a revolução de independência das colônias britânicas da Nova Inglaterra influenciou a própria Inglaterra, repercutindo em colônias ibéricas do Novo Mundo; sem esquecer que aquela resolução de independência foi a primeira batalha de uma longa revolução burguesa em curso nos Estados Unidos da América do

Norte durante o século XIX. As revoluções “prussiana” na Alemanha em formação, e “passiva” na Itália em formação, bem como a Restauração Meiji no Japão, as três ocorridas nos anos 60 e 70 do século XIX, repercutiram em vizinhos e em povos mais distantes. Sim, a revolução burguesa nacional sempre transborda das fronteiras do país em que ocorre. Inclusive cabe observar que todas inserem-se na configurações e movimentos dos vastos processos históricos que ao sintetizam nos conceitos de *mercantilismo*, *colonialismo* e *imperialismo*.

O que ocorre com o *globalismo*, quando o capitalismo ingressa em novo ciclo de expansão mundial, é que a revolução burguesa ingressa em novo ciclo, também global. Aos poucos, ou de-repente, balam-se os quadros sociais e mentais de referência de uns e outros, em todo o mundo. Todos são desafiados a re-situar-se no novo mapa do mundo. As forças produtivas e as relações de produção, em moldes capitalistas, desenvolvem-se intensiva e extensivamente por todo o mundo, rearticulando e fortalecendo as redes e teias sistêmicas, tanto quanto acentuando e generalizando processos de desarticulação e fragmentação, também em escala mundial. Generalizem-se ainda mais os princípios do liberalismo que se havia criado em âmbito nacional, agora em âmbito mundial, nos termos do neoliberalismo. Generalizem-se ainda mais os princípios codificados nas expressões “liberdade”, “igualdade” e “propriedade”, organizados no “contrato”, enquanto instituto jurídico-político fundamental da sociedade de mercado, burguesa ou capitalista. Desenvolve-se um vasto processo “pedagógico” orientado no sentido da difusão e reafirmação das distinções entre o “público” e o “privado”, o “lucro” e a “corrupção”, o “Estado mínimo” e o “mercado aberto”, a “economia emergente” e a “inserção no mercado mundial”, o “equilíbrio monetário nacional” e o “equilíbrio monetário mundial”; tudo isso monitorizado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BIRD: Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento) e a Organização Mundial do

Comércio (OMC), a santíssima trindade do capital em geral; tudo isso orquestrado por grande parte da mídia impressa e eletrônica mundial, ela também composta por corporações transnacionais. Sob muitos aspectos, portanto, o ciclo do globalismo assinala um novo ciclo da revolução burguesa, em escala mundial.

O que está em causa, quando se fala em mundialização, planetarização, globalização, globalidade ou globalismo, é uma ampla e profunda transformação geral, envolvendo a economia e a sociedade, a política e a cultura, a ecologia e a demografia, as línguas e as religiões. Tudo se abala mais ou menos radicalmente, de modo desigual e também contraditório. Tanto é assim, que ocorrem ressurgências de nacionalismos e localismos, reafirmação de identidades presentes ou pretéritas, surtos de xenofobias, etnicismos, racismos e fundamentalismos, não só religiosos como também culturais. Em vários momentos da história, inclusive no longo do século XX e nos inícios do XXI, o “cristianismo” do Vaticano e o “ocidentalismo” europeu norteamericano têm sido brutalmente fundamentalistas, principalmente quando se associam.

Mais uma vez, reabrem-se os debates sobre a “identidade”, o “outro”, a “desnacionalização” e a “desterritorialização”, o “lugar”, o “território”, a “fronteira” e o “espaço”, o “mundo sem fronteiras”, a “aldeia global”, a “terra-pátria” e “babel”. Todos, em todo o mundo, são obrigados a defrontar-se com o “desenvolvimento desigual e combinado”, a “não-contemporaneidade” e a “transculturação”. Aos poucos, modificam-se ou dissolvem-se as linhas divisórias entre o Ocidente e o Oriente, África e a Europa, a América Latina e a América Anglosaxônica, devido às migrações transcontinentais, aos fluxos de mercadorias globais, aos movimentos mundiais de idéias, aos eventos artísticos, esportivos e outros; além da multiplicação de negociações, fusões e aquisições no âmbito das corporações; e das tensões, soluções e irresoluções. Tudo isso movimentando a máquina do mundo.

A rigor, o novo ciclo de globalização do capitalismo, com o qual se forma e desenvolve a sociedade civil mundial, não ocorre ao acaso, como se fora um processo inesperado e cego. Ainda que seja errático e contraditório, também revela sistemática, combinando teoria e prática com ideologia. Sim, porque esse novo ciclo de desenvolvimento intensivo e extensivo do capitalismo, em escala mundial, é influenciado ou conduzido principalmente pela “burguesia mundial”, que já vinha se desenvolvendo por dentro e por fora dos imperialismos; burguesia mundial essa com a qual se associam membros de outros setores sociais, também em curso de transnacionalização. E cabe ressaltar a contribuição de setores intelectuais diversos, dentre os quais encontram-se economistas, financistas, administradores, técnicos em eletrônica, jornalistas, sociólogos e muitos outros, oriundos das ciências sociais e naturais. Formam-se “tecnoestruturas transnacionais”, “think tanks” cosmopolitas, organizações empresariais especializadas em assessorias e consultorias de todas as tipos, inclusive credenciadas para diagnosticar e classificar a categoria e confiabilidade de cada país, empresa, corporação e conglomerado, no que se refere ao investimento e à lucratividade, à previsibilidade e à confiança presente e futura³.

É assim que se abalam mais ou menos radicalmente os quadros sociais e mentais de referência que se haviam desenvolvido sob o em-

Perry Anderson, “Balanço do Neoliberalismo”, Emir Sader e Pablo Gentili (organizadores), *Pós-Neoliberalismo*, Paz e Terra, São Paulo, 1995, cap. I, pp. 9-37; Eduardo Rosenzvaig, “Neoliberalism”, *Latin American Perspectives*, vol.24, nº 6, november 1997, pp.56-62; Richard J. Barnett e Ronald Muller, *Power Global* (A Força Incontrolável das Multinacionais), trad. de Ruy Jungmann, Distribuidora Record, Rio de Janeiro, s/d (edição original em inglês de 1974); C. Fred Bergsten (Coord.), *O Futuro do Comércio Internacional* (As Teses de Maidenhead), trad. de Ricardo Stavols Cavaliere e Liane Morass, Editora da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1979 (edição original em inglês de 1975); Banco Mundial, *Do Plano ao Mercado* (Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial), Washington, 1996.

blema do *nacionalismo*, da sociedade nacional, do Estado-Nação, da “modernidade-nação” ou da primeira modernidade. Sob o emblema do *globalismo*, tanto se recriam quadros sociais e mentais de referência anteriores como se criam novos, surpreendentes, inquietantes ou fascinantes. Formam-se a *sociedade civil mundial* e as *estruturas mundiais de poder*, redesenhando o mapa do mundo, quando se redefinem ou declinam soberanias nacionais e emergem as corporações transnacionais, de par-em-par com se organizações multilaterais, como os principais porta-vozes das classes dominantes mundiais. São muitas as instituições e os ideais, as práticas e os valores que se formam no âmbito do globalismo, da sociedade civil mundial. Nesse cenário complexo, contraditório e de amplas proporções, abrem-se outras e novas perspectivas para a ciência e a técnica, a comunicação e a informação, a desterritorialização e a miniaturização. Multiplicam-se os “espaços” e aceleram-se os “tempos”, em todas as direções, em todas as esferas de atividade e imaginação, graças às tecnologias eletrônicas com as quais se globaliza ainda mais intensa e generalizadamente a globalização. Esse é o novo palco da história, da “modernidade-mundo”, ou segunda modernidade.

“A burguesia não pode existir sem revolucionar continuamente os instrumentos de produção e, por conseguinte, as relações de produção. Portanto, todo o conjunto das relações sociais... O contínuo revolucionamento da produção, o abalo constante de todas as condições sociais, a incerteza e a agitação eternas distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Todas as relações fixas e cristalizadas, com seu séquito de crenças e opiniões tornadas veneráveis pelo tempo, são dissolvidas, e as novas envenhem antes mesmo de se consolidarem. Tudo o que é sólido e estável se volatiliza, tudo o que é sagrado é profanado, e os homens são finalmente obrigados a encarar com sobriedade e sem ilusões sua posição na vida e suas relações recíprocas.

“A necessidade de mercados cada vez mais extensos para seus produtos impele a burguesia para todo o globo terrestre. Ela deve estabele-

cer-se em toda parte, instalar-se em toda parte, criar vínculos em toda parte. Através da exploração do mercado mundial, a burguesia deu um caráter cosmopolita à produção e ao consumo de todos os países. Para grande pesar dos reacionários, retirou debaixo dos pés da indústria o terreno nacional. As antigas indústrias nacionais foram destruídas e continuam a ser destruídas a cada dia. São suplantadas por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão de vida ou morte para todas as nações civilizadas - indústrias que não mais empregam matérias-primas locais, mas matérias-primas provenientes das mais remotas regiões, e cujos produtos são consumidos não somente no próprio país, mas em todas as partes do mundo... Em lugar de antiga auto-suficiência e do antigo isolamento local e nacional, desenvolve-se em todas as direções um intercâmbio universal, uma universal interdependência das nações. E isso tanto na produção material quanto na intelectual. Os produtos intelectuais de cada nação tornam-se patrimônio comum. A unilateralidade e a estreiteza nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis, e das numerosas literaturas nacionais e locais forma-se uma literatura mundial”⁴.

Difundem-se pelo mundo as instituições e de valores, as formas de sociabilidade e os jogos de forças sociais com os quais o capitalismo adquire novo dinamismo, em escala mundial. Enquanto modo de produção e processo civilizatório, o capitalismo invade, mais uma vez, os territórios e as fronteiras, povos e as nações, as culturas e as civilizações. Modificam-se e transformam-se radicalmente, ou simplesmente dissolvem-se, ideais e práticas, noções e inquietações, realidades e ilusões. Quando as corporações transnacionais e as organizações multilaterais formam-se e passam a atuar como estruturas mundiais de poder, predominando amplamente, orquestradas pela teoria, prática e ideologia do neo-liberalismo, nessa época é evidente que todos estão sendo inseridos em um novo mapa do mundo. Em lugar do localismo,

Karl Marx e Friedrich Engels, *Manifesto do Partido Comunista*, trad. de Marco Aurélio Nogueira e Leandro Konder, Editora Vozes, Petrópolis, 1988, pp. 69-70; citações do cap. I “Burgueses e Proletários”.

tribalismo e nacionalismo, em lugar do mercantilismo, do colonialismo e do imperialismo, todos são inseridos no globalismo, visto como um vasto e predominante processo histórico-social, econômico, político e cultural.

Daí a validade do conceito de modernidade-mundo, ou segunda modernidade, subsumindo a modernidade-nação, ou primeira modernidade. Sob o globalismo, o processo de “desencantamento do mundo” adquire novos desenvolvimentos, intensivos e extensivos, caminhando pelos quatro cantos do mundo. A ciência e a técnica, a eletrônica e a engenharia genética, o utilitarismo e o pragmatismo, a razão instrumental e a visão sistêmica do mundo, são muitos os desenvolvimentos da “lógica do capital”, impregnando instituições e organizações, corporações e estados nacionais, estruturas mundiais de poder e formas de sociabilidade. Os princípios ou objetivos das empresas, corporações e conglomerados, em suas atividades nacionais, regionais e mundiais, são apresentados como parâmetros e práticas indispensáveis de uns e outros, em todo o mundo: produtividade competitiva, lucratividade, desempenho, pragmatismo, visão sistêmica das atividades e organizações, das relações fins e meios e das instituições. São “princípios” e objetivos que se difundem por todas as esferas do tecido social, desde o público ao privado, da fábrica ao banco, da escola à igreja, do entretenimento à informação, dos aparelhos estatais à família.

Esse o vasto cenário, o novo palco da história, no qual desenvolvem-se o progresso e a decadência, a prosperidade e a miséria, pauperização absoluta e a pauperização relativa, a civilização e a barbárie. Esse o novo palco da história no qual desenvolve-se o narcotráfico e o terrorismo, acionados pelas estruturas locais, nacionais, regionais e mundiais de poder; desenvolvendo-se também a vigilância sistemática de indivíduos e coletividades, na fábrica, escritório, escola, agências governamentais, igrejas, condomínios, cidades, nações. Aos

poucos, ou de repente, coisas, gentes e idéias tornam-se suspeitos. Diante das crescentes desigualdades, das carências e sofrenças, do pauperismo e lumpenização, da crescente alienação, a teoria, técnica e ideologia sistêmica, com as suas teias, redes e cadeias, recobre e impregna pervasivamente os indivíduos e as coletividades, as formas de sociabilidade e os jogos das forças sociais.

4. PERSPECTIVAS DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Este é o desafio mais fundamental, posto pelo novo ciclo de globalização do capitalismo: reafirme-se a historicidade do capitalismo e crie-se o desafio de interpretar e realizar tanto as suas potencialidades como as suas negatividades, tendo-se em conta os seus dinamismos e as suas contradições. O mesmo êxito do *neoliberalismo*, como teoria, prática e ideologia de globalização do capitalismo, engendra novos surtos de fascismo, nazismo ou nazifascismo e inclusive surtos de social democracia; mas engendrando principalmente as condições e as possibilidades do *neosocialismo* com as suas implicações teóricas, práticas, ideológicas e utópicas. São idéias e práticas que se fermentam e fertilizam no âmbito do globalismo, recriando ou inovando muito do que se havia criado sob o signo do nacionalismo,

O mesmo capitalismo, visto como modo de produção e processo de civilizatório, engendra as condições de formação e desenvolvimento do socialismo, como modo de produção e processo civilizatório. Desde a formação da sociedade nacional, burguesa, capitalista, simbolizada no Estado-Nação, está em gênese o socialismo, que irrompe em várias nações e ocasiões; irrompe em atividades e idéias, teorias e revoluções, revelando a historicidade e, portanto, a transitoriedade do capitalismo. Sim, o socialismo é também uma criação e um componente ativo da modernidade; nascendo com a modernidade-

nação, ou primeira modernidade; e viajando pela modernidade-mundo, ou segunda modernidade.

Esta é a novidade e a realidade, quando se trata de refletir sobre a formação, conformação e transformação de sociedade civil mundial que surge com o novo ciclo de globalização do capitalismo: tanto se expandem pelo mundo as instituições e idéias, os valores e as práticas da sociedade capitalista ou burguesa, como se expandem pelo mundo as mais diversas formas de alienação com as quais se alimentam as lutas pela emancipação, por outras formas de organização social e técnica do trabalho e da produção; bem como da distribuição, troca e consumo. Multiplicam-se as reivindicações e lutas, os movimentos sociais e as idéias, os protestos e as utopias com os quais se formam o socialismo, o neosocialismo, anunciando outro modo de produção e processo civilizatório. Assim se engendram as condições e as possibilidades de revolução social com a qual se produz a transfiguração do capitalismo em socialismo, da sociedade organizada em classes sociais hierarquizadas em dominantes e subalternas em uma sociedade em que se desenvolvem outras formas de articulação e dinamização dos indivíduos e coletividades.

Visto em escala mundial, o capitalismo desenvolve as classes sociais e os grupos sociais, em âmbito não só local, nacional e regional mas também e principalmente mundial. Acentuam-se as diversidades e desigualdades, em termos de formas de sociabilidade e jogos de forças sociais. As dimensões transnacionais do capital, tecnologia, força de trabalho, divisão do trabalho social, mercado, planejamento, violência, entre outras forças produtivas, intensificam e generalizam os processos de integração e fragmentação, em escala mundial. Esse cenário em que se forma e desenvolve a “globalização da questão social”; uma globalização na qual estão presentes as contradições trabalho e capital, etnias, gêneros, religiões, línguas e outras; sem esquecer as diferentes manifestações da contradição sociedade e natureza.

Está em curso o desenvolvimento desigual e combinado, bem como estão em curso as mais diferentes formas de não-contemporaneidade, de par-em-par com processos de transculturação. É assim que se forma a sociedade civil mundial, compreendendo classes sociais e grupos sociais, bem como estruturas mundiais de poder, tais como corporações transnacionais e organizações multilaterais; de permeio a estados nacionais, localismos, nacionalismos, regionalismos, tribalismos, provincianismos, muitas vezes mesclados com anacronismos.

Esse o contexto histórico, simultaneamente social, econômico, político e cultural, bem como religioso e lingüístico, em que se recriam problemas antigos e recentes, bem como se criam novos, surpreendentes. À medida que se forma e desenvolve o globalismo, compreendendo a sociedade civil mundial, enquanto sociedade de classes, com suas estruturas de poder, também se formam e desenvolvem as contradições sociais com as quais se fermentam os movimentos sociais e as reivindicações, os protestos e as revoluções⁵.

O socialismo envolve novos desenvolvimentos da modernidade, como processo civilizatório. No âmbito da sociedade mundial, vista como palco da história, o socialismo revela-se outra e nova época da modernidade, agora da modernidade-mundo. É como se levasse o “desencantamento do mundo” a outras alturas, a diferentes possibilidades, outros horizontes. Na medida em que se desenvolve realmente outro modo de organização social e técnica do trabalho, compreendendo a produção, distribuição, troca e consumo, tanto leva-se mais longe o desencantamento do mundo como deflagram-se as condições e as pos-

⁵ John Gray, *Falso Amanhecer* (Os Equívocos do Capitalismo Global), trad. de Max Altman, Editora Record, Rio de Janeiro, 1999; Michel Chossudovsky, *A Globalização da Pobreza* (Impactos das Reformas do FMI e do Banco Mundial), trad. de Marylene Pinto Michael, Editora Moderna, São Paulo, 1999; José Seoane e Emilio Taddei (Orgs.), *Resistencias Mundiales* (de Seattle a Porto Alegre), Clacso – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, 2001.

sibilidades de “reencantamento do mundo”. Quando se reduz ou elimina a distância entre o trabalhador e o produto do seu trabalho, de tal modo que o produto material ou espiritual do trabalho revela-se realização do trabalhador, como indivíduo e coletividade, a partir daí nascem outras formas de sociabilidade e outros jogos de forças sociais. Amplia-se a transparência no contraponto indivíduo e produto da sua atividade, criador e criatura, objetivação e realização, praxis e transfiguração. Nessa altura da história, desenvolvem-se as condições de possibilidades de “reencantamento do mundo”, quando a alienação cede lugar à emancipação, quando a emancipação compreende a transparência nas relações entre uns e outros; coisas, gentes e idéias; modos de ser, sentir, agir, pensar, compreender, explicar, realizar, fabular.

Esta é a idéia: no âmbito da sociedade civil mundial que se forma com o novo ciclo de globalização do capitalismo, criam-se outras e novas formas de integração e fragmentação, germinando reiterações e transformações, bloqueios e rupturas, distorções e alucinações.

É óbvio que são ainda muitos de que reagem à globalização, combatendo-a em nome do localismo, nacionalismo e regionalismo, mobilizando inclusive fundamentalismos, xenofobias, etnicismos e racismos; e também organizando-se em movimentos “neofascistas”, “neonazistas” ou “nazifascistas”; em diferentes países e continentes. Há ressurgências de ideais ou experiências pretéritas ou nostálgicas, nas quais ressoam épocas passadas, reminiscências de regimes ou modos de vida “arqueológicos”.

Mas já são numerosos os indivíduos e coletividades, as classes sociais e os grupos sociais que padecem a globalização e, simultaneamente, se conscientizam, organizam, reivindicam e lutam por outra globalização, pela “globalização desde baixo”. Aí então as raízes do *neosocialismo*. Ai estão as condições sociais, simultaneamente econômicas, políticas e culturais, sob as quais se recriam os ideais, as or-

ganizações e as práticas empenhadas na socialização da propriedade e do produto do trabalho coletivo, agora vistos em perspectiva mundial.

“Os manifestantes estão realmente unidos contra a atual forma de globalização capitalista... Os próprios protestos se tornaram movimentos globais, e um de seus objetivos mais claros é a democratização dos processos globalizadores. Não deve ser chamado de movimento antiglobalização. Trata-se de um movimento alternativo de globalização, que quer eliminar desigualdades entre ricos e pobres e expandir as possibilidades de autodeterminação... Já vemos sementes desse futuro no mar de rostos que se estende das ruas de Seattle às de Gênova. Uma das características mais marcantes desses movimentos é sua diversidade: sindicalistas ao lado de ecologistas, com sacerdotes e comunistas. Estamos começando a ver o surgimento de uma multidão que não é definida por uma identidade isolada, mas que consegue descobrir a comunidade em sua multiplicidade”⁶.

Esse o contexto geohistórico, a formação social mundial, o novo palco da história, em que muitos se organizam e lutam por uma democracia política e social, nos moldes do neosocialismo. Um neosocialismo que se enraiza nas diversidades e desigualdades sociais, não só locais, nacionais e regionais, mas principalmente mundiais; enraizando-se também na avaliação crítica das experiências socialistas e já realizadas em diferentes nações, ou em curso na China e em Cuba; enraizando-se inclusive nas contribuições filosóficas, científicas e artísticas que se multiplicam no Ocidente e no Oriente, na África e na

⁶ Michael Hardt e Antonio Negri, “Manifestantes querem Globalização Alternativa”, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 de Julho de 2001, p. B-3. Consultar também Michael Hardt e Antonio Negri, *Empire*, Harvard University Press, Cambridge, 2000; Samir Amin, *Los Desafios de la Mundialización*, trad. de Marcos Cueva Perus, Sigla Veintiuno Editores, México, 1997; Immanuel Wallerstein, *Despues del Liberalismo*, trad. de Stella Mastrangelo, Siglo Veintiuno Editores, México, 1996; David Miliband (org.), *Reinventando a Esquerda*, trad. de Raul Fiker, Editora Unesp, São Paulo, 1997.

América Latina, no Caribe e na Oceania, na América do Norte e nas diversas Europas.

Vista assim, em perspectiva ampla e em toda a sua complexidade, a era do globalismo assinala o desenvolvimento de uma nova época da *revolução burguesa mundial*. Essa é uma revolução que se desenvolve em várias ocasiões e em distintas configurações. Teve um momento fundamental por dentro e por fora dos guerras napoleônicas, com raízes na revolução industrial inglesa e na revolução política francesa, desdobrando-se no primeiro ciclo histórico de descolonização do Novo Mundo. E teve continuidade por dentro e por fora do imperialismo, em suas versões inglesa, holandesa, francesa, belga, alemã, russa, japonesa e outras. Na época do globalismo, no entanto, entra em novo ciclo o desenvolvimento da revolução burguesa mundial, por dentro da qual criam-se novas condições da revolução social, socialista; esta, também, enquanto transnacional, ou seja, uma *revolução socialista mundial*.

“O período burguês da história está chamado a assentar as bases materiais de um novo mundo: a desenvolver, de um lado, o intercâmbio universal, baseado na dependência mútua do gênero humano, e os meios para realizar esse intercâmbio; e, de outro, desenvolver as forças produtivas do homem e transformar a produção material num domínio científico sobre as forças da natureza. A indústria e o comércio burgueses vão criando essas condições materiais de um novo mundo, do mesmo modo que as revoluções geológicas criavam a superfície da Terra”⁷.

⁷ Karl Marx, “Futuros Resultados do Domínio Britânico na Índia”, Karl Marx e Friedrich Engels, *Textos*, 3 vols. Edições Sociais, São Paulo, 1977, 3º volume, pp. 292-297; citação da p. 297. A edição não menciona o tradutor.

5. HISTÓRIA E EPISTEMOLOGIA

O processo de globalização envolve uma ruptura de amplas proporções, abalando mais ou menos profundamente os quadros sociais e mentais de referência de uns e outros, em todo o mundo. Trata-se de uma ruptura simultaneamente histórica e epistemológica, provocando obsolescências e ressurgências de realidades e formas de pensamento, bem como o desafio de se taquigrafarem as novas realidades, formas de sociabilidade, jogos de forças sociais, formas de vida e trabalho, modos de ser, compreendendo evidentemente novos conceitos e novas categorias, com os quais se buscam a “compreensão” e a “explicação” da realidade. Os conceitos de indivíduo e sociedade, sociedade civil e Estado, comunidade e sociedade, mercado e planejamento, alienação e emancipação; assim como as categorias tempo e espaço, passado e presente, parte e todo, aparência e essência, sincrônico e diacrônico, estrutura e história, singular e universal; tudo se altera mais ou menos radicalmente no curso da ruptura simultaneamente histórica e epistemológica que se manifesta com o novo ciclo de desenvolvimento intensivo e extensivo do capitalismo.

Os estudos, as análises de problemas, os debates metodológicos e as formulações teóricas não são unânimes quanto à “globalização”. Tanto é assim que há os que privilegiam as “relações internacionais” ou “transnacionais”; enquanto que outros reafirmam a prevalência do “estado nacional”, ainda que reconhecendo a globalização em termos político-econômicos; mas também manifestam-se os que insistem na idéia de que o “globalismo” é um novo ciclo do “imperialismo”; sem esquecer que outros reconhecem a globalização em termos de economia, mas não em termos de política; e cabe lembrar também os que se concentram na cultura, argumentando em termos de “cultura global” ou “cultura da globalização”; inclusive manifestam-se muitos dizendo que está em causa a “mundialização” e não a “globalização”. Dentre

uns e outros, fala-se em “internacionalização”, “transnacionalização”, “mundialização”, “planetarização” e “globalização”. Mas cabe reconhecer que todos, a despeito de suas diferentes perspectivas teóricas, de suas opções ideológicas ou do fato de que examinem aspectos, problemas e situações, compreendendo o “local”, o “provincial”, o “tribal”, o “regional” ou o “nacional”, sim, todos contribuem para instituir a “sociedade global” como o novo emblema das ciências sociais; compreendendo-se a sociedade global em suas implicações políticas, econômicas, culturais, demográficas, geográficas, lingüísticas, religiosas, étnicas, de gênero e outras esferas da realidade. Todos contribuem para instituir a formação social global como uma totalidade histórica e teórica; com importantes implicações epistemológicas⁸.

Esse o contexto em que já se multiplicam as metáforas, os conceitos e as categorias, assim como as ideologias, as utopias e as alegorias: nova ordem econômica mundial, mercado mundial, fábrica global, mercadoria global, corporação transnacional, organização multilateral, mercado emergente, economia-mundo, sistema-mundo, integração regional, sociedade de risco, realidade virtual, desterritorialização, cultura global, estrutura mundial de poder, cosmópolis, mundo sem fronteira, aldeia global, terra-pátria, sociedade civil mundial, cidadão do mundo.

Esse, também, o contexto em que as ciências sociais ingressam em um novo ciclo de controvérsia e criação. Debatem-se as teorias e as epistemologias, assim como o “nacional” e o “global”, o “local” e o

⁸ Martin Albrow, *The Global Age*, Polity Press, Cambridge, 1996; David Held, *Democracy and the Global Order*, Polity Press, Cambridge, 1995; Richard Peet, *Global Capitalism*, Routledge, London, 1991; Daniel Patrick Moynihan, *Pandemonium* (Ethnicity in International Politics), Oxford University Press, Oxford, 1994; Geoffrey Robertson QC, *Crimes Against Humanity* (The Struggle for Global Justice), Penguin Books London, 1999; Raul Ekins, *A New World Order* (Grassroots Movements for Global Change), Routledge, London, 1992.

“global”, a “identidade” e a “diversidade”. Tanto multiplicam-se as propostas metodológicas e teóricas como se reafirmam as que estão ou parecem estabelecidas; algumas por sua validade, outras pelos nostalgias que alimentam.

É no contexto da sociedade global que se coloca, sob novas perspectivas, a controvérsia “micro” e “macro” teorias, assim como a proposta de que as ciências sociais estão desafiadas a formular *meta-teorias*. Tanto de conceitos como as categorias de pensamento estão desafiados a lançar-se no âmbito de processos e estruturas de grande envergadura. São processos e estruturas que atravessam territórios e fronteiras, povos e nações, culturas e civilizações; envolvendo múltiplas formas de sociabilidade, diferentes jogos de forças sociais, distintas modalidades de organização técnico e social do trabalho e da produção; compreendendo mercados, fluxos de forças produtivas, estrutura nacionais, regionais e mundiais de poder; meios de comunicação, informação, análise, decisão, ênfase, distorção, fragmentação e esquecimento, apoiados em tecnologias eletrônicas. Esse o cenário em que o “espaço” e o “tempo” multiplicam-se, tanto sistematizando-se em modalidades como complicando-se com outras possibilidades; em que os contrapontos “presente” e “passado” se modificam-se; as articulações “partes e todo” adquirem outras dimensões; a dialética “singular e universal” lança-se em órbita global.

“A epistemologia contemporânea realizou... uma progressiva descoberta do fator histórico e do seu significado teórico dentro da tarefa científica, ao ponto de Imre Lakatos ter sido levado a escrever que “a filosofia da ciência sem a história de ciência é vazia; e história da ciência sem a filosofia da ciência é cega”⁹... A relação entre a epistemologia e o reconhe-

Imre Lakatos, *The Methodology of Scientific Research Programmes*, (Philosophical Papers, volume I), Cambridge University Press, Cambridge, 1989, p. 102; citação do cap. 2: “History of Science and Its Rational Reconstructions”.

cimento da presença do “fator histórico” na ciência ajuda a individualizar algumas componentes fundamentais da atual reflexão epistemológica mais aguerrida e mais criticamente esclarecida... Todo o conhecimento se encontra sempre historicamente “imerso” num determinado patrimônio cognoscitivo: o conhecimento não é realmente um processo individual de uma teórica *consciência em geral*, mas o resultado da atividade social, uma vez que o patrimônio cognoscitivo já acumulado vai além dos limites a que o próprio indivíduo está sujeito”¹⁰.

Já são muitos, em todo o mundo, os que põem em causa o “ocidentalismo”, o “europeísmo” e o “americanismo”, este como desdobramento de ambos. Ressurgem o “indigenismo”, o “africanismo” e o “orientalismo”, em diferentes modalidades. Tanto se redefinem, recriam, desenvolvem ou declinam fronteiras culturais e civilizatórias como se reafirmam, ressurgem ou redescobrem singularidades e universalidades culturais e civilizatórias.

Diferentemente do que já havia ocorrido no âmbito do colonialismo e do imperialismo, no âmbito do globalismo questionam-se o europeísmo e o americanismo, ou o ocidentalismo, de forma radical. Abrem-se outros e novos horizontes de pensamento, tanto em busca de “diversidades” e “pluralidades” ou “relativismos” como de novos “universalismos”. Na África e na Ásia, assim como nos outros continentes, multiplicam-se os debates e as criações relativamente a problemas metodológicos, teóricos e epistemológicos. Simultaneamente às ressurgências e recriações, assim como às redescobertas e obsoles-

¹⁰ Fabio Minazzi, “Epistemologia, Criticismo e Historicidade”, em: Ludovic Geymonat e Giulio Giorello (Org.), *As Razões da Ciência*, trad. de João da Silva Gama, Edições 70, Lisboa, 1989, 253-291; citações das pp. 265-267. Consultar também: I. Bernard Cohen, *Revolution in Science*, Harvard University Press, Cambridge, 1995; Octavio Ianni, *Teorias da Globalização*, 9a. edição, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2001; Mike Featherstone, Scott Lash and Roland Robertson (Editors), *Global Modernities*, Sage Publications, London, 1995.

cências, no âmbito de história e do pensamento, reafirmam-se ou apagam-se territórios e fronteiras culturais e civilizatórios. Torna-se difícil, ou mesmo impossível, delinear as linhas divisórias por meio das quais encontravam-se ou demarcavam-se o Oriente e o Ocidente, a África e a Europa, o Caribe, a América Latina e a América do Norte e a Europa Ocidental, a Europa Central e a Europa Oriental. Os processos e as estruturas em curso de transnacionalização modificam, embaralham, apagam ou recriam em outros termos as fronteiras dos povos e nações, culturas e civilizações. Está em curso, outra vez, em outros termos, um vasto e complexo processo de “transculturização”. Tudo e todos, coisas, gentes e idéias, estão metidos em um imenso, complexo e polifônico processo de *transculturização*.¹¹

Mais uma vez, muitos são desafiados a repensar o passado, o que se registrou e esclareceu e o que não se registrou ou esqueceu. Sim, são dilemas e perspectivas que se colocam sobre o passado recente e distante, desde o presente problemático e inquietante. É como se uns e outros se questionassem por que estão aonde chegaram; isto é explicável, desde as raízes pretéritas; haveria algo de que não deu conta, evidente ou escondido, que se irrompe abrupto inquietante. Daí a multiplicação das viagens de regresso, rebuscando princípios e desdobramentos, continuidades e descontinuidades: a era das revoluções, a era do capital, a era dos impérios e a era dos extremos; as econo-

¹¹ Samir Amin, *L'Eurocentrisme*, Anthropos, Paris, 1988; Edward V. Said, *Orientalismo*, trad. de Tomás Rosa Bueno, Companhia das Letras, São Paulo, 1990; Charles A. Moore (Org.), *Filosofia: Oriente e Ocidente*, trad. de Ageno Soares dos Santos, Editora Cultrix, 1978; Ehean Naraghi, *L'Orient et la Crise de l'Occident*, trad. de Brigitte Simon, Editions Entente, Paris, 1977; P.H. Coetzee and A.P.J. Roux (Editors), *The African Philosophy Reader*, Routledge, London, 1998; Akbar S. Ahmed and Hastings Donnan (Editors), *Islam, Globalization and Postmodernity*, Routledge, London, 1994; Octavio Ianni, *Enigmas da Modernidade-Mundo*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2000, esp. Cap. IV: “Transculturização”.

mias-mundo e os sistemas-mundo; a ascensão e queda das grandes potências; os impérios transatlânticos; ciclos, períodos, eras e longas durações; as ondas de economia mundial; a ocidentalização do mundo; a racialização do mundo; povos históricos e povos sem história; a gramática das civilizações; o choque de civilizações; a modernidade-mundo; o fim de história¹².

Cabe reconhecer, pois, que a “sociedade civil mundial” em formação não é simplesmente uma versão ampliada da “sociedade civil nacional”, seja qual for. Trata-se de outra formação social, simultaneamente geohistórica, econômica, política e cultural, compreendendo aspectos demográficos, ecológicos, religiosos, lingüísticos, étnicos, de gênero. Sob todos os aspectos, a sociedade mundial pode ser vista como uma formação social original, nova totalidade histórica e teórica.

6. METATEORIAS

A “sociedade mundial”, vista como um todo, ou tomada em alguns dos seus aspectos, tem sido interpretada principalmente em termos de *Sistema*, *Mundo da Vida* ou *História*. O que já ocorria e continua a ocorrer nos estudos sobre a “sociedade nacional”, torna-se freqüente e predominante quando se trata da “sociedade global”. A rigor, grande parte dos escritos sobre aspectos da realidade social, ou sobre

¹² Marc Ferro, *Falsificações da História*, trad. de Cascais Franco e Vitor Romaneiro, Publicações Europa-América, Lisboa, 1994; Fernand Braudel, *A Dinâmica do Capitalismo*, trad. de Carlos da Veiga Ferreira, Teorema, Lisboa, 1986; Immanuel Wallerstein, *O Capitalismo Histórico*, trad. de Denise Bottmann, Editora Brasiliense, São Paulo, 1985; Eric R. Wolt, *Europe and the People Without History*, University of Califórnia Press, Berkeley, 1982; Thomas Sowell, *Conquest and Cultures*, Basic Books, New York, 1998; Theda Skocpol, *Social Revolutions in the Modern World*, Cambridge University Press, Cambridge, 1996.

Esta tomada como um todo, realiza-se principalmente de conformidade com essas perspectivas teóricas, ou estilos de pensamento. A despeito da complexidade da realidade social e das múltiplas formulações teóricas elaboradas pelos cientistas sociais das diferentes épocas e nações, o que predomina, quando se trata de “compreender” ou “explicar” são essas três perspectivas. Aparecem em distintas verbalizações, línguas e linguagens, desde os inícios dos tempos modernos. É claro que na historiografia, geografia, demografia, economia, antropologia, sociologia, lingüística e psicologia encontram-se contribuições notáveis, que escapam a essas polarizações. Inclusive elas com frequência combinam-se, anulam-se ou se enriquecem, conforme se pode verificar em estudos e em controvérsia. Mas é possível reconhecer que as contribuições mais notáveis das ciências sociais polarizam-se em termos destas três perspectivas, que se revelam não só predominantes mas provavelmente principais.

A rigor, as características dessas polarizações permitem sugerir ou mesmo afirmar que se trata de *três epistemologias distintas*. Cada uma compreende uma determinada concepção da realidade social, em seu tecido e em seus movimentos, em sua composição e dinâmica, em sua apreensão das formas de sociabilidade e jogos de forças sociais, em sua forma de taquigrafar os contrapontos, relações, processos e estruturas, em suas possibilidades de articulação e desarticulação no que se refere a indivíduo e sociedade, biografia e história, objetividade e subjetividade. Cada uma compreende uma determinada noção de totalidade, em suas implicações empíricas e lógicas. Os contrapontos partes e todo, aparências e essências, evidência e significado, presente passado, sincronia e diacronia, singular e universal conjugam-se de modo muito peculiar, conforme se trate de uma perspectiva sistêmica, fenomenológica ou histórica.

Além das três orientações fundamentais da sociologia e de todas as ciências sociais, cabe observar que já é evidente o empenho de uns

e outros no sentido de compreender ou explicar a realidade social desde os dilemas e os horizontes de alcance meta-teórico. Tudo o que é local, nacional e mundial pode adquirir significado mais límpido, quando se tomam em contrapontos e os imbricamentos, as continuidades e as tensões que germinem todo o tempo em cada uma e todas as configurações de realidade¹³.

Mais do que todas as outras, a *Teoria Sistêmica* tem sido a que maior presença revela tanto na universidade como na sociedade, vistas em escala mundial e, obviamente, também em escala nacional. A teoria sistêmica está presente e ativa, referente e pervasiva, no ensino e na pesquisa de praticamente todas as ciências sociais. Nem sempre a linguagem utilizada é ortodoxa. São diversas e, algumas vezes, até mesmo um tanto ecléticas as linguagens, se pensamos em conceitos, categorias e explicações. Mas são muitos os estudos, monografias e ensaios, sem esquecer manuais e tratados, nos quais predomina a visão sistêmica da realidade, a articulação sistêmica de descrição e explicação.

E são muitas, senão todas, as instituições, corporações e organizações que se formam, funcionam e transformam em moldes sistêmicos. Antes, eram principalmente os estados nacionais, as empresas, os sistemas de ensino, saúde e previdência, assim como as igrejas, os partidos políticos e a mídia que se organizavam em moldes sistêmicos.

¹³ Richard A. Slaughter (Editor), *New Thinking for a New for a New Millenium*, Routledge, London, 1996; Immanuel Wallerstein, *Unthinking Social Science* (The Limits of nineteenth-Century Paradigms), Polity Press, Cambridge, 1991; Ervin Laszlo, *La Visione Sistemica del Mondo*, Gruppo Editoriale Insieme, Milano, 1991; Immanuel Wallerstein (Org.), *Para Abrir as Ciências Sociais*, Cortez Editora, São Paulo, 1996; sem indicação do tradutor; Roland Roberston, *Globalização*, trad. João R. Barroco, Editora Vozes, Petrópolis, 2000; Leslie Sklair, *Sociologia do Sistema Global*, trad. de Reinaldo Endlich Orth, Editora Vozes, Petrópolis, 1995; Bruce Mazlish and Ralph Buultjens (Editors), *Conceptualizing Global History*, Westview Press, Oxford, 1993.

Com os desenvolvimentos do ciclo de globalização do capitalismo, dinamizado com as tecnologias eletrônicas, a organização sistêmica das instituições nacionais, das corporações transnacionais e das organizações multilaterais adquire intensidade e amplitude excepcionais. A “sociedade informática”, a “revolução digital”, a multiplicação das “redes”, “teias” e “infovias”, estão na base do novo ciclo de globalização do capitalismo, dos mercados mundiais de forças produtivas, da aceleração e versatilidade das comunicações, informações, decisões, controles e mandos das corporações transnacionais e das organizações multilaterais. As coisas, as gentes e as idéias revelam-se desterritorializadas, volantes, migrantes, virtuais, ubíquas.

Todos aqueles que detêm maior poder, em escala mundial, detêm condições para preservar e ampliar ainda mais esse poder, devido ao monopólio de meios, técnicas e tecidos com os quais se formem, conformem e transformam as “redes”, e “teias” ou os “sistemas”, em termos de mercados e mercadorias, capital produtivo e especulativo, mídia impressa e eletrônica, monopólio de violência e definição de técnicas sociais, idéias e ideais, modos de ser e imaginários. Influenciam-se mais ou menos decisivamente mentes e corações de indivíduos e coletividade, multidões. Esse o contexto em que a mídia eletrônica realiza as figuras e as figurações do “príncipe eletrônico”, enquanto lugar por excelência da política¹⁴.

Mais do que todas as outras, a *Teoria Sistêmica* tem sido aplicada como a mais abrangente das metateorias. Seria capaz de descrever e explicar não só os mais diversos setores ou segmentos da sociedade local, nacional, regional e mundial, mas também a “natureza” em seus diversos aspectos e como um todo; explicando inclusive as relações e o metabolismo entre “sociedade e natureza”. Na época de globaliza-

¹⁴ Octavio Ianni, *Enigmas da Modernidade-Mundo*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 200; esp. cap. VI: “O Príncipe Eletrônico”.

ção, quando se intensifica e generaliza mais um ciclo de expansão mundial do capitalismo, a perspectiva sistêmica adquire novos desenvolvimentos, em termos metodológicos, teóricos e epistemológicos. Esse o contexto em que alguns autores empenhados na problemática ambientalista ou ecológico formulam as teses “Terra-Pátria” e “Gaia”. É como se tudo e todos na sociedade e natureza, compreendendo as espécies vegetais, animais e humana, abarcando inclusive os territórios, fronteiras, continentes, ilhas, arquipélagos, rios, lagos, mares, oceanos, atmosfera, tudo e todos se compusessem como um vasto e complexo “ser vivo”, um vasto e complexo “sistema telúrico”, no qual a espécie humana pode existir, desenvolver-se, transformar-se, declinar ou mesmo extinguir-se¹⁵.

Cabe ressaltar, no entanto, que a epistemologia sistêmica fundamenta-se na *razão instrumental*. Apoia-se na descrição e explicação da realidade, vista em dimensão micro, macro e meta, mas empenhando-se sempre em apreender as condições e as possibilidades de organização, funcionamento, equilíbrio, desequilíbrio, auto-reprodução, autoreferência, autoorganização, input-output-feedback, “homeostase” ou “autopoiesis”.

A presença e a preeminência de razão instrumental na perspectiva sistêmica revela-se de modo notável não só nas contribuições metodológicas, teóricas e epistemológicas dos seus autores. Revela-se de modo notável inclusive na ampla adoção em curso por parte de organizações multilaterais e corporações transnacionais; sem esquecer sua ampla adoção no âmbito do Estado nacional e todas as suas instituições, desde os três poderes aos ministérios e secretarias, dos sistemas de ensino, saúde e previdência, às relações entre o trabalho e o capital.

¹⁵ James Lovelock, *As Eras de Gaia*, trad. de Beatriz Sidou, Editora Campus, Rio de Janeiro, 1991; Edgar Morin e Anne Brigitte Kern, *Terra-Pátria*, trad. de Paulo Neves, Editora Sulina, Porto Alegre 1995.

aos aparelhos militares e policiais, dos órgãos de vigilância e repressão; compreendendo boa parte do desempenho das corporações de mídia, em âmbito local, nacional, regional mundial¹⁶.

Note-se, ainda, que a *teoria sistêmica* absorve e desenvolve as contribuições do *funcionalismo*, *pragmatismo*, *estruturalismo* e *cibernético*. As noções de totalidade, parte e todo, causa e função, equilíbrio e reposição, input-output-feedback, homeostese, autopoiesis, funcionalidade, normalidade, anormalidade, evolução e outras, próprias dessas correntes de pensamento, aquirem sofisticada articulação na teoria sistêmica. Sob a “lógica sistêmica” não cabem a lógica de “causa e efeito”, da conexão de sentido”, da “hermenêutica” ou da “contradição”; ou seja, estes são reelaboradas de conformidade com o código sistêmico. O que predomina é a lógica que articula o “organismo” compreendendo organismos vivos, vegetais, animais e humanos, assim como o próprio planeta, visto como um organismo; tudo isso em equilíbrio ou em busca de equilíbrio. Os organismos podem ser vistos, literal ou metaforicamente como “máquinas” mecânicas, elétricas, eletrônicas; modelos estruturados, funcionais, previsíveis, controláveis, montáveis, desmontáveis. Sim, a despeito da impressão de caos e ovelha, das diversidades e desigualdades, das continuidades e descontinuidades, das tensões e rupturas, a perspectiva sistêmica empenha-se

¹⁶ Ludwig Von Bertalanffy, *Teoría General de los Sistemas*, trad. Juan Almela, Fondo de Cultura Económica, México, 1993; Pierre Delattre, *Teoria dos Sistemas e Epistemologia*, trad. de Teresa Ferrand, *A Regra do Jogo*, Edições, Lisboa, 1981; Norbert Wiener, *Cibernética e Sociedade*, trad. de José Paulo Paes, Editora Cultrix, São Paulo, 1968; Niklas Luhmann, *Social Systems*, trad. de John Bednarz Jr. e Dirk Baecher, Stanford University Press, Stanford, 1995; Niklas Luhmann, “The World Society as a Social System”, *Int. J. General Systems*, vol. 8, 1982; Ervin Laszlo, *La Visione Sistemica del Mondo*, trad. De Davide Cova, Gruppo Editoriale Insieme, milano, 1991.

em apreender o mundo evoluindo como uma nebulosa articulada, vertebrada, comportada¹⁷.

A *Fenomenologia* está presente no ensino e na pesquisa, na universidade e na sociedade, em âmbito mundial e nacional, local e circunstancial. Algumas das ciências sociais, compreendendo principalmente as psicologias, a antropologia, a sociologia e a história, têm sido fertilizadas pelas contribuições de cunho fenomenológico. As noções de “identidade”, “alteridade” e “diversidade”, “eu” e “outro”, bem como “cotidiano”, “vivência”, “existência”, circunstância”, “situação”, “vida” e “mundo da vida” traduzem algo ou muito da perspectiva fenomenológica. A idéia de “mundo de vida” impregna também os meios de comunicação, a mídia em geral, bem como criações artísticas.. Está presente em romances, contos e poesias, teatro e cinema. Permite desvendar meandros insuspeitados da realidade, vida, modo de ser, agir, sentir, sentir, compreender, devanear, fabular, evadir-se.

Em formulações divulgadas e, às vezes, vulgarizadas pela mídia, a literatura de auto-ajuda e em correntes religiosas, o “mundo da vida” se traduz em comportamento”, “performance”, “desempenho”, “culto ao corpo”, “estética”, “beleza”, “conforto”, “liberação física” ou “estresse”, “depressão”, “fossa”, “insegurança”, “síndromes”, “pânicos”, assim como o refúgio no “shopping center”, no “condomínio” horizontal ou vertical; sem esquecer que boa parte das informações, ima

¹⁷Jurgen Habermas, *La lógica de las Ciencias Sociales*, trad. Manuel Jiménez Redondo, Editorial Tecnos, Madrid, 1988; esp. cap. III: “El Funcionalismo en Ciencias Sociales”; Jurgen Habermas e Niklas Luhmann, *Teoria della Società e Tecnologia Sociale* (Che Cosa Offre la Ricerca del Sistema Sociale? Trad. di Riccardo Bi Corato, Etas Libri, Milano, 1983; Max Horkheimer, *Crítica de la Razón Instrumental*, trad. de H. A. Murena e D.J. Vogelmann, Editorial Sur, Buenos Aires, 1973. Há tradução deste livro de Max Horkheimer, *Eclipse de Razão*, trad. de Sebastião Uchoa Leite, Editorial Labor do Brasil, Rio de Janeiro, 1976.

gens, manchetes, dizeres, sons, cores e impactos do noticiário e sobre as mais diversas e engenhosas formas de violências urbanas, terrorismo no narcotráfico e outros temas contribui, às vezes muitíssimo, para toda uma visão da vida de indivíduos, famílias e vizinhanças em termos de “mundo da vida”, “indivíduo”, “eu”, “identidade”, “outro”, “estranho”, “estrangeiro”, que já estão, podem ser ou serão, ameaçados ou ameaçadores. Ai mesclam-se *fenomenologia* e *behaviorismo*, em uma vasta e fantástica teatralidade, na qual ocorre criminalização da sociedade e intimidação das pessoas: adultos, velhos e crianças, negros e brancos, mulheres e homens, nativos e imigrantes, bem como uns e outros, conforme as condições de cada lugar, país, região; todos pertencentes dos setores sociais subalternos

A fenomenologia apoia-se na *redução fenomenológica*, com a qual se deixa em suspenso tudo o que poderia saber ou supor sobre a realidade, situação, indivíduo, ser, circunstância; desde aí iniciando-se observação, empatia, intuição, experiência vicária. Implica na *compreensão* de si e do outro, ser, ator, ação social, relação social, interação; compreendendo atividade, inquietação, ilusão, evasão. Exige a *hermenêutica* dos signos, símbolos e emblemas, de figuras e figurações, metáforas e alegorias que impregnam e expressam o ser, indivíduo, ator. Sendo que a compreensão e a hermenêutica debruçam-se sobre as situações, as “linguagens”, os “textos”, tomando-os como narrativas.

A perspectiva fenomenológica implica em intuir, vivenciar ou compreender o indivíduo, suas ações, sua subjetividade, a forma pela qual traduz as condições sob as quais vive em atividade, criatividade, modo de ser, sentir, agir, pensar, compreender, imaginar, sonhar, situar-se e evadir-se. A redução fenomenológica prescinde da história, dos processos sociais abrangentes, das continuidades e descontinuidades, de evolução, progresso, desenvolvimento da sociedade; porque tudo isso aparece continua e reiteradamente no indivíduo, eu, cotidia-

no, vivência, existência. Em lugar de “grande narrativa”, em busca de processos e estruturas abrangentes, de guerras e revoluções, de épocas e rupturas, tudo isso se capta nos modos de ser de indivíduo, situações, circunstâncias e, vivências, e subjetividades, aflições, realizações, criações, ilusões. Trabalha no nível da “pequena narrativa”, elaborada compreensivamente. Desencanta universais desde eventos ou situações singulares, prosaicos, inesperados, recorrentes, surpreendentes.

O que se pretende compreender, em sua originalidade primordial, em seus meandros e em suas circunstâncias, expressões e significações, manifestações e implicações, é o mundo da vida, do ser social, em sua ação, interação, intenção, omissão, memória, lembrança, esquecimento¹⁸.

A perspectiva fenomenológica permite compreender de modo particularmente sensível as metamorfoses “subjetividade objetivada”, em suas múltiplas modulações. Apreende o fluxo dos acontecimentos próximos, distantes e remotos, no contraponto com a sensibilidade e criatividade do indivíduo, desde a sua subjetividade, formação, biografia, trajetória, memória; surpreendendo os fluxos da memória, devaneios, remorsos, esquecimentos. Apanha signos, símbolos e emblemas, figuras e figurações, traduzindo e recriando o dado e o significado, a biografia e a história, o indivíduo e a sociedade, o lapso e o relapso, a surpresa e a alucinação.

Mas essa perspectiva, realizando a “redução fenomenológica”, propiciando a “compreensão hermenêutica” do mundo da vida, enquanto uma reação à grande teoria, à perspectiva histórica e às expli-

¹⁸ Willheim Dilthey, *Introducción a las Ciencias del Espíritu*, trad. de Eugenio Imaz, Fondo de Cultura Económica, México, 1949 Alfred Schutz, *Fenomenología e Relaciones Sociales*, trad. de Angela Melin, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979 Merleau-Ponty, *La Fenomenología y las Ciencias del Hombre*, trad. de Beatriz B. de Gonzalez e Raul A. Pierola, Editorial Nova Buenos Aires 1964.

ações abrangentes, revela-se, ela também, uma “grande teoria”, uma metateoria. Afirma a universalidade do ser, indivíduo, situação, circunstância, ação social, agente, ator. Confere a tudo o que constitui o mundo da vida a categoria de realidade social presente em toda a sociedade e em todos os meandros da sociedade. Elege o singular, desvendando-lhe significações e conotações universais. Traduz o mundo da vida em vibrações, áuras e enigmas da realidade do mundo, Nessa perspectiva, seria possível descobrir que Hamlet é o primeiro homem moderno, atravessado pela dúvida do ser e do não ser; assim como o senhor K. e Godot; todos revelando meandros surpreendentes da modernidade; metáforas de todo o mundo¹⁹.

Mais uma vez, com o novo ciclo de globalização do capitalismo, visto como processo civilizatório e modo de produção, são muitos, em todo o mundo, que se dão conta de que tudo é *História*. A visão histórica da realidade, compreendendo indivíduos e coletividades, classes sociais e grupos sociais, povos e nações, culturas e civilizações, logo se revela presente, efetiva e evidente, quando se tomam em conta as relações, os processos e as estruturas que constituem a transnacionalização, planetarização, globalização ou o globalismo, enquanto categoria histórica e teórica, a totalidade mais abrangente. Sim, as relações, os processos e as estruturas com os quais se forma, conforma e transforma o globalismo, envolvem “dominação” e “apropriação”, compreendendo tendências de integração e fragmentação, envolvendo a

Quentin Skinner (Editor), *The Return of Grand Theory in the Human Sciences*, Cambridge University Press, Cambridge, 1990; Irving M. Zeitlin, *Rethinking Sociology*, Prentice Hall, Englewood Cliffs, New Jersey, 1973, esp. caps IV: “Phenomenology” e V: “Symbolic Interaction” Jeffrey C. Alexander, *Twenty Lectures* (Sociological Theory Since World War II, Columbia University Press, New York, 1987; Jürgen Habermas, *La Lógica de Las Ciencias Sociales*, trad. de Manuel Jiménez Redondo, Editorial Tecnos, Madrid 1988, esp, cap. II “Hermeneutica.

construção de hegemonias e soberanias, propiciando formas de, alienação e lutas por emancipação.

É claro que são diversas as visões históricas do globalismo, das configurações e movimentos da sociedade global, em seu todo e em seus diferentes setores e segmentos. São vários e conceitos em uso nos estudos e debates sobre essa problemática, refletindo algo ou muito da historicidade das relações, processos e estruturas que constituem a sociedade mundial: “economia mundo”, “internacionalização do capital”, “racionalização do mundo”, “dialética do capitalismo” e outras.

Mas cabe reconhecer que historicidade do social aparece de modo particularmente acentuado e generalizado quando o novo ciclo de globalização do capitalismo não só engendra novas realidades como recria as realidades presentes, pretéritas, remanescentes, tornando a sociedade civil mundial o novo e principal palco de história, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais.

É possível demonstrar que, com os novos desenvolvimentos intensivos e extensivos do capitalismo, sempre visto como modo de produção e processo civilizatório, desenvolve-se um novo ciclo da “revolução burguesa em escala mundial”. Transnacionalizam-se as forças produtivas e as relações de produção, desenvolvendo-se as classes sociais e os grupos sociais, estes compreendendo gêneros, etnias, religiões, ecologismos e outros movimentos sociais. Transnacionalizam-se formas de sociabilidade e jogos de forças sociais, burguesias, proletariados, assalariados em geral, classes médias; de par-em-par com a des territorialização de coisas, gentes e idéias. Estão em curso os processos de concentração e centralização do capital, atravessando territórios fronteiras, continentes, ilhas e arquipélagos, mares e oceanos²⁰

²⁰ Ernest Mandel, *Late Capitalism*, trad. de Joris De Bree, New Left Review, London, 1975; Christian Palloix, *L'Economie Mondiale Capitaliste*, 2 tomo: François Maspero, Paris, 1971; Eric Hobsbawm, *Era dos Extremos* (O Breve

É no âmbito da *sociedade civil mundial vista como o novo palco da história*, que os indivíduos e as coletividades, as classes e os grupos, os gêneros e as etnias, as línguas e as religiões, adquirem outros e novos significados, envolvendo movimentos de integração e fragmentação, acomodação e contradição, reforma e revolução.

Esta é a idéia: a dialética da história, quando vista desde os impasses e as perspectivas que se criam com o globalismo, tanto desenvolve a “revolução burguesa em escala mundial” como cria as condições e as possibilidades da “revolução socialista em escala mundial”; revolução esta da qual participam diferentes categorias de assalariados, grupos étnicos, de gênero e outros, em todo o mundo; envolvendo mais ou menos amplamente todos os que padecem a “globalização desde cima” conduzida segundo os interesses das classes e grupos dominantes mundiais, e lutam pela “globalização desde baixo”, movimentada pelas classes e os setores subalternos situados em perspectivas simultaneamente nacionais, regionais e mundiais. A mesma globalização engendra sua contradição, germinando sua negação²¹.

Quando se trata da perspectiva histórica, principalmente em sua acepção dialética, inspirada no pensamento de Hegel, Marx e outros, logo se evidencia que ela se enraíza na *razão crítica*. A interpretação dialética da história, da realidade social vista em sua historicidade, implica possibilidades de apreensão dos nexos e movimentos, das

Século XX: 1914-1991), trad. de Marcos Santarrita, Companhia das Letras, São Paulo, 1995; John Gray, *Falso Amanhecer* (Os Equívocos do capitalismo Global), trad. de Max Altman, Editora Record, Rio de Janeiro, 1999.

²¹ Samir Amin, *Los Desafíos de la Mundialización*, trad. de Marcos Cueva Perus, Siglo Veintiuno Editores, México, 1997; Immanuel Wallerstein, *Después del Liberalismo*, trad. de Stella Mastrangelo, Siglo Veintiuno Editores, México, 1996; Jeremy Brecher, John Brown Childs e Jill Cutler (Editors), *Global Visions* (Beyond the New World Order), South end Press, Boston, 1993; Michael Hardt e Antonio Negri, *Empire*, Harvard University Press, London, 2000.

configurações e tensões, com as quais se forma, conforma e transforma a realidade social, em sua complexidade, seus dilemas e seus horizontes.

7. METATEORIA E VISÃO DE MUNDO

Quando refletimos mais demoradamente sobre diversas e distintas teorias, tendo em conta não só o modo pelo qual apreendem a realidade social, mas também os seus recursos metodológicos e de seus fundamentos epistemológicos, colocam-se alguns novos problemas, também muito importantes. Vejamos alguns desses problemas, ainda que de modo breve. ¹

Primeiro, a despeito de suas especificidades, no que se refere questões de método e epistemologia, assim como na forma de apreender a realidade, as teorias estão sempre em diálogo, umas com as outras, implícita ou explicitamente. Podem trabalhar o mesmo tema inclusive formular interpretações convergentes ou semelhantes, ainda que em linguagens distintas. Mas esses paralelismos, ou convergências, às vezes muito importantes, não impedem controvérsias nem eliminam diferenças epistemológicas fundamentais. Além do mais, sempre se coloca a hipótese de que uma, por ser mais densa e abrangente, pode subsumir as outras. Esse é um desafio que está posto, quando se constata que a dialética da história pode contemplar tanto momentos de análise funcional, estrutural ou sistêmica, quando momentos de mergulho na vivência, existência, ser. *A “visão histórica do mundo” pode subsumir a “visão sistêmica do mundo” e, simultaneamente, o “mundo da vida”.* O mundo da vida e a visão sistêmica do mundo podem ser vistos como modulações das configurações e movimentos da história.

Segundo, cada teoria, por sua densidade e abrangência, pela linguagem que inaugura e institui, pelos seguidores criativos ou não que germina e pelos antecedentes que inventa, logo se estabelece como um *estilo de pensamento*. Às vezes é tão evidente o estilo, que muitos autores são logo identificados como sistêmicos, fenomenólogos ou dialéticos; nesses termos ou por meio de expressões, conceitos ou metáforas equivalentes. Nesse percurso da reflexão e imaginação, logo se verifica que a perspectiva teórica realmente densa e abrangente, ao mesmo tempo que as institui como estilo de pensamento configura-se como toda uma *visão de mundo*. A recorrência de temas e linguagens, as referências múltiplas, simultâneas e reiteradas, as imagens, figuras e figurações, bem como os conceitos, as categorias e as interpretações, tudo isso logo se desdobra em uma visão do mundo mais ou menos clara, demarcada. É como se a realidade, difícil, complexa, opaca e infinita, aos poucos adquirisse fisionomia e vida, configuração e movimento, como se fosse um ser muito especial, excepcional, cumprindo um destino.

Terceiro, toda teoria, ao desdobrar-se em estilo de pensamento e visão do mundo, logo aponta para o *futuro*. Revela-se como se fosse uma estrada e um convite à viagem destinada a outra forma de sociedade, ao futuro, à *utopia*. O desvendamento do presente suscita interrogações sobre o passado, quais poderiam ser as raízes do presente; e remete a imaginação, as inquietações e as ilusões para o futuro. A perspectiva sistêmica, com a qual se elabora toda uma arquitetura sistêmica do mundo, logo suscita a idéia de que o futuro pode ser o presente aperfeiçoado, o status que aprimorado. A perspectiva fenomenológica, com a qual se descobre o mundo da vida, logo suscita a idéia de que o futuro pode ser mais vida, muito mais mundo da vida, como realização do humanismo; no qual sobressai o eu, a vivência, a existência; no contraponto subjetivação-objetivação ou realização e danação. A perspectiva dialética, com a qual se desvendam os nexos, ten-

sões e contradições constitutivos da sociedade, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, com os quais se produzem as diversidades e as desigualdades, as hierarquias e as lutas sociais, logo suscita a idéia de que o futuro pode ser um lugar, lá longe ou próximo, um mundo que está sendo produzido pela “máquina do mundo”; um mundo no qual os indivíduos e as coletividades encontrarão a emancipação e a transparência, enquanto momentos e figurações excepcionais de realização da humanidade.

PRIMEIRA VERSÃO

Títulos Publicados desde 1988

01. Antonio Augusto Arantes, *La preservación del patrimonio como practica social*
02. Décio A. M. Saes, *Estado e Classes Sociais no capitalismo brasileiro dos anos 70/80*
03. Denise Bottmann, *A propósito de Capistrano*
04. Luiz B.L. Orlandi, *Simulacro na filosofia de Deleuze*
05. Niuvenius J. Paoli, *Curriculo mínimo: princípios gerais de uma camisa-de-força?*
06. Fausto Castilho, *Doutrina Geral dos Elementos*, trad. de *Allgemeine Elementarlehre de Immanuel Kant*, 1ª parte, 1º capítulo
07. João Carlos K. Quartim de Moraes, *Joaquim Costa, Oliveira Vianna e a "revolução pelo alto"*
08. Manoel Tosta Berlinck, *Difusão e construção sobre a história da psicanálise em São Paulo, Brasil*
09. Roberto Romano, *Igreja domesticadora de massas ou fonte do direito coletivo e individual? Uma aporia pós-conciliar*
10. Leila da Costa Ferreira, *Estado e ambiente. A política ambiental do Estado de São Paulo*
11. Maria Stella Bresciani, *Carlyle: a revolução francesa e o engendramento dos tempos modernos*
12. Newton C.A. da Costa, Luiz Henrique Lopes dos Santos e Elias Humberto Alves, *On the Syllogism I*
13. Octavio Ianni, *A idéia de América Latina*
14. Osmyr Faria Gabbi Jr., *Resenhas de psicanálise*
15. Carlos Rodrigues Brandão, *Ouro Preto: arte, antiguidade e artesanato*
16. Luiz B. L. Orlandi, *Articulação por reciprocidade de aberturas e Filosofia em tempo de cinema*
17. Fausto Castilho, *Doutrina Geral dos Elementos*, trad. de *Allgemeine Elementarlehre de Immanuel Kant*, 1ª parte, 2º capítulo
18. Alba Zaluar, *Gênero, cidadania e violência*
19. Sidney Chalhoub, *A guerra contra os cortiços: cidade do Rio, 1850-1906*
20. Daniel Hogan, *Quem paga o preço da poluição?*
21. Roberto Cardoso de Oliveira, *Práticas interétnicas e moralidade*
22. Mariza Corrêa, *Três heróinas do romance antropológico brasileiro*
23. Angela M. Tude de Souza, *Grandes projetos e identidades sociais na Amazônia Oriental Brasileira*
24. Margareth Rago, *A prostituição em São Paulo nas décadas iniciais do século XX*
25. Sílvio Seno Chibeni, *Descartes, Locke, Berkeley, Hume e o realismo científico*
26. Adalberto Marson, *Maquinações satânicas: Edward Thompson e as leituras do sistema fabril*
27. Néstor Perlongher, *Territórios marginais*
28. Rachel Meneguello, *O voto dos trabalhadores (1964-1989)*
29. Maria Stella Bresciani, *O anjo da casa*
30. Sebastião C. Velasco e Cruz, *Fragmentos do novo? Brasil: Empresariado e crise no limiar dos 90*
31. Vavy Pacheco Borges, *A "História da República": um objeto, alguns temas, alguns conceitos*
32. Sebastião C. Velasco e Cruz, *1968 - Movimento estudantil e crise na política brasileira*
33. Sidney Chalhoub, *A história nas histórias de Machado de Assis: uma interpretação de Helena*
34. Néstor Perlongher, *Droga e êxtase*
35. Fausto Castilho, *Doutrina Geral dos Elementos*, trad. de *Allgemeine Elementarlehre de Immanuel Kant*, 1ª parte, 3º capítulo
36. Shigenoli Miyamoto & Williams da Silva Gonçalves, *Militares, diplomatas e política externa no Brasil pós-64*
37. José Roberto do Amaral Lapa, *O mercado urbano de escravos (Campinas - segunda metade do século XIX)*
38. Shigenoli Miyamoto & Williams da Silva Gonçalves, *A política externa brasileira e o regime militar: 1964-1984*
39. Alba Zaluar, *Relativismo cultural na cidade?*
40. Shigenoli Miyamoto, João Paulo Veiga & Tullo Vigevani, *Motivações do papel dos Estados Unidos no mundo.*
41. Guita Grin Bert, *O envelhecimento em asilos e práticas profissionais para uma velhice adequada*
42. Shigenoli Miyamoto, *A questão ambiental e as relações internacionais*
43. Walquiria G. D. Leão Rego, *Liberalismo e escravidão no Brasil: um dilema?*
44. Armando Boito Jr., *Crise política e revolução: o 1789 de Georges LeFebvre*
45. Shigenoli Miyamoto, *A inserção do Brasil no sistema internacional*
46. João Quartim de Moraes, *A argumentação dialética na definição aristotélica do tempo*
47. Armando Boito Jr., *Estado e sindicalismo no Brasil*
48. Sebastião C. Velasco e Cruz, *Política empresarial em tempos de crise. Apontamentos teóricos e reflexões sobre o Brasil*
49. Décio Saes, *A contestação à ordem moratória no Brasil*
50. Octavio Ianni, *O labirinto latino-americano*

51. João Quartim de Moraes, *A justificação do tiranicídio no pensamento proto-liberal de Juan de Mariana*
52. Arlete Moysés Rodrigues, *Movimentos sociais*
53. Roberto Cardoso de Oliveira, *A antropologia e a "crise" dos modelos explicativos*
54. Jorge Coli, *Ética, política, revolução, surrealismo*
55. Oswaldo Giacóia Jr., *O Anticristo e o romance russo*
56. Sebastião C. Velasco e Cruz, *A produção do consenso. Discurso econômico e conflitos políticos na transição brasileira*
57. Argelina Maria Cheibub Figueiredo, *Notas de pesquisa: justiça local nas áreas de saúde e trabalho*
58. Pedro Paulo Abreu Funari, *A análise documental e o estudo da antiguidade clássica*
59. João Quartim de Moraes, *A evolução da idéia de democracia de Rousseau a Robespierre*
60. Rita de Cássia Lahoz Morelli, *Relativismo hoje. Uma tentativa antropológica de acertar contas com a moralidade*
61. Sidney Chalhoub, *Homenagem a Warren Dean: Comentário sobre Rio Claro, um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*
62. Pedro Paulo A. Funari & Júlia Falivene Alves, *O ensino de história no segundo grau: uma experiência*
63. João Quartim de Moraes, *Joseph de Maistre: o anti-rousseauismo da contra-revolução*
64. Luís Alfredo Galvão, *Dois ou três coisas sobre o mercado e o socialismo*
65. Octavio Ianni, *Neoliberalismo e neo-socialismo*
66. Maria Lygia Quartim de Moraes, *Marxismo e feminismo no Brasil*
67. Pedro Paulo Abreu Funari, *Pós-Graduação: encruzilhadas atuais*
68. Sebastião C. Velasco e Cruz, *Restructuring world economy. Arguments about "market-oriented reforms" in developing countries*
69. Octavio Ianni, *Globalização e transculturação*
70. Ricardo T. Neder, *Figuras do espaço público contemporâneo. Associações civis, fundações e Ongs no Brasil*
71. Karl Marx, *Die methode der politischen ökonomie. O método da economia política. Terceira Parte. Tradução de Fausto Castilho.*
72. Octavio Ianni, *Sociologia e literatura.*
73. Reginaldo Corrêa de Moraes, *Liberalismo e neoliberalismo.*
74. José Carlos Pinto de Oliveira, *Camap e o pós-positivismo.*
74. José Carlos Pinto de Oliveira, *Camap e o pós-positivismo.*
75. Maria Lygia Quartim de Moraes, *Identidade e alteridade: registros iconográficos e sociológicos do Brasil no século XIX.*
76. Pedro Paulo A. Funari, *Teoria arqueológica na América do Sul.*
77. Sebastião C. Velasco e Cruz, *As idéias do poder: Dependência, globalização, crise e o discurso recente de FHC.*
78. Octavio Ianni, *O príncipe eletrônico.*
79. Sebastião C. Velasco e Cruz, *Um outro olhar: sobre a análise gramsciana das organizações internacionais.*
80. Shigenoli Miyamoto, *Perspectivas do estudo das relações internacionais no Brasil*
81. João Quartim de Moraes, *Erasmus e Lutero: teologia e reforma do cristianismo*
82. Shigenoli Miyamoto, *O idealismo e a paz mundial*
83. Reginaldo C.C. de Moraes, *Economia, política e ideologias. Notas sobre neoliberais, keynesianos e cepalinos*
84. Octavio Ianni, *Língua e sociedade.*
85. Sebastião C. Velasco e Cruz, *Situações. Conjuntura. Empresários/Trabalhadores e Alca.*
86. Reginaldo C. Corrêa de Moraes, *Brasil, política: estruturas, conjunturas, conjecturas.*
87. José Carlos Pinto de Oliveira, *Kuhn, Popper e a história da ciência.*
88. Sebastião C. Velasco e Cruz, *Desencontros: o Brasil e o mundo no limiar dos anos 80.*
89. Shigenoli Miyamoto, *A segurança regional no contexto do Mercosul.*
90. Octavio Ianni, *A globalização e o retorno da questão nacional.*
91. Shigenoli Miyamoto, *A política de defesa brasileira e a segurança regional.*
92. Pedro Paulo A. Funari & Nanci Vieira Oliveira, *Arqueologia em Mato Grosso*
93. Shigenoli Miyamoto, *O Brasil e as negociações multilaterais.*
94. José Carlos Pinto de Oliveira, *Positivismo, ciência e filosofia.*
95. Shigenoli Miyamoto, *Cooperação, competição e integração regionais: o difícil entendimento.*
96. Maria Lygia Quartim, *Memória biográfica e terrorismo de Estado: Brasil e Chile.*
97. Shigenoli Miyamoto, *Os estudos estratégicos e a academia brasileira: uma avaliação.*
98. Evelina Dagnino e Sonia E. Alvarez, *Os movimentos sociais, a sociedade civil e o "terceiro setor" na América Latina: reflexões teóricas e novas perspectivas.*
99. Shigenoli Miyamoto, *O Mercosul e a segurança regional: uma agenda comum.*
100. Octavio Ianni, *Sociologia do futuro.*

NOME (Name): _____

ENDEREÇO (Address): _____

RECEBEMOS: _____

We have received: _____

FALTA-NOS: _____

We are lacking: _____

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____

We are sending in exchange: _____

DATA: _____

Date: _____

ASSINATURA: _____

**A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE IMPLICARÁ NA
SUSPENSÃO DA REMESSA**

Non-acknowledgement of receipt will indicate that further
publications are not wanted.

À

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
SETOR DE PUBLICAÇÕES

Cidade Universitária "Zeferino Vaz"

Caixa Postal 6.110

13083-970 - Campinas - São Paulo - Brasil

Tel.: 0XX (19) 3788.1604 / 3788.1603

Telefax 0XX (19) 3788.1589

<http://www.unicamp.br/ifch/publicacoes/>

pub_ifch@obelix.unicamp.br